

# Relatório de acompanhamento dos custos de produção

## EUCALIPTO

Edição nº 05/2024

BOTUCATU

Maio/2024

Em maio de 2024, produtores de Botucatu e região se reuniram presencialmente para o levantamento dos custos de produção de eucalipto. A ação faz parte do projeto Campo Futuro, uma iniciativa da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), que conta com o apoio da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo (FAESP) e seus Sindicatos Rurais filiados.

Com o objetivo de determinar um custo médio representativo da região de Botucatu, foi definida a propriedade modal, que reflete o perfil de propriedade mais comum na região. De acordo com os participantes do levantamento, a propriedade mais representativa possui 30 hectares com produção de eucalipto, com incremento médio anual de 45m<sup>3</sup> por hectare ao ano. Toda a área de eucalipto é própria e o primeiro corte raso ocorre aos 7 anos. A comercialização é feita na modalidade “madeira em pé” para produção de celulose e o preço médio de comercialização na região foi estabelecido em R\$ 120,00/m<sup>3</sup> (tabela 1).

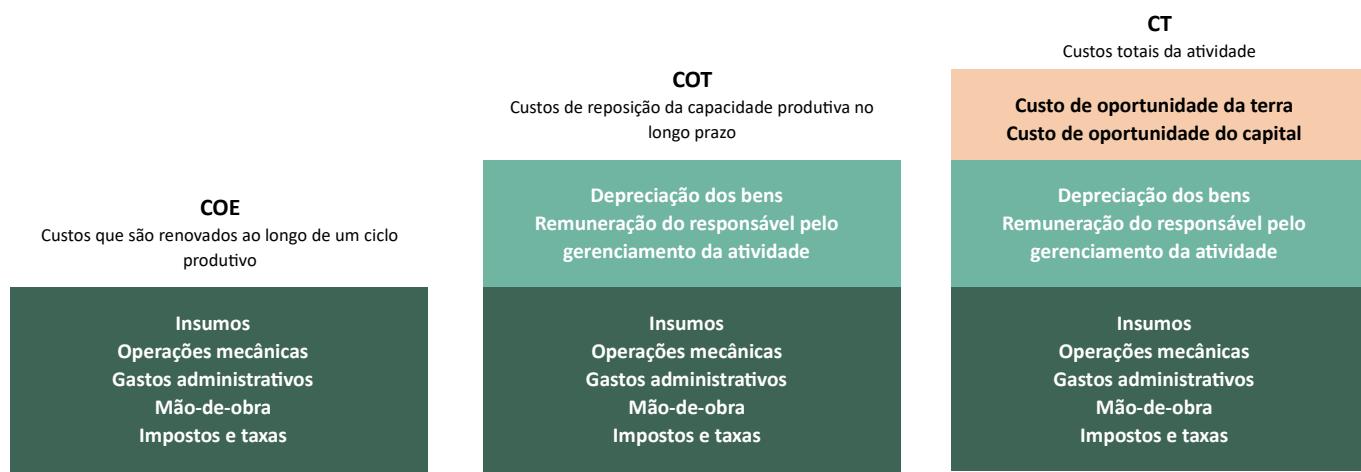
**Tabela 1. Caracterização da propriedade modal com eucaliptocultura na região de Botucatu, em 2024.**

Indicador	Unidade	Valor
Área em produção	hectare	30
Incremento médio anual	m <sup>3</sup> /hectare/ano	45
Ciclo de produção	anos	7
Preço médio	R\$/m <sup>3</sup>	120,00
Finalidade	-	processo

Fonte: CNA; FAESP. Elaboração: FAESP/Departamento Econômico.

Com relação à metodologia adotada, destaca-se que os custos levantados são divididos da seguinte maneira: i) Custo Operacional Efetivo (COE), que engloba os custos que são renovados ao longo de um ciclo produtivo (insumos, operações mecânicas, gastos administrativos, mão-de-obra, impostos, taxas e outros); ii) Custo Operacional Total (COT), que considera o COE e também a depreciação dos bens e a remuneração do responsável pelo gerenciamento da atividade, configurando-se os custos de reposição da capacidade produtiva no longo prazo; e iii) Custo Total (CT), que consolida o COT e os custos de oportunidade da terra e do capital (figura 01).

**Figura 01. Composição dos custos de cada atividade produtiva levantada.**



Preço > COE = Margem Bruta Positiva  
Preço < COE = Margem Bruta Negativa

Preço > COT = Margem Líquida Positiva  
Preço < COT = Margem Líquida Negativa

Preço > CT = Resultado Positivo (Lucro)  
Preço < CT = Resultado Negativo (Prejuízo)

Fonte: CNA. Elaboração: FAESP/Departamento Econômico.

A partir dos custos, foram calculadas as margens brutas, as margens líquidas e o resultado final da atividade. A margem bruta é o preço de comercialização do produto menos os custos de renovação do ciclo produtivo (COE). Quando o preço de comercialização do produto é maior que o COE, a margem bruta é positiva; caso contrário, a margem bruta é negativa. Já a margem líquida é obtida pelo preço de comercialização menos o custo de reposição da capacidade produtiva no longo prazo (COT). Se o preço de venda do produto for maior que o COT, a margem líquida é positiva; no caso inverso, a margem líquida é negativa. Por fim, o resultado da atividade é dado pelo preço de comercialização menos o custo total da atividade (CT), tal que se o preço for maior que o CT, tem-se lucro, e se o preço for menor que o CT, a atividade está resultando em prejuízo (figura 1).

Quando a margem bruta resulta negativa, indica-se que a atividade não consegue cobrir seus custos operacionais imediatos, sinalizando dificuldades financeiras a curto prazo. Uma margem líquida negativa sugere que, além dos custos operacionais, a atividade não está gerando receita suficiente para manter sua capacidade produtiva a longo prazo, possivelmente levando à descapitalização do produtor. No entanto, esses indicadores também podem orientar ajustes na gestão e na produção, visando otimizar custos e melhorar a rentabilidade no médio e longo prazos, mantendo assim a sustentabilidade financeira da atividade.

Isto posto, a análise dos resultados obtidos demonstra que o retorno financeiro da produção de eucalipto na região de Botucatu tem sido suficiente para cobrir os custos renováveis do ciclo produtivo (COE), de R\$ 9,76/m<sup>3</sup> de madeira, resultando em uma margem bruta positiva de R\$ 110,24/m<sup>3</sup> de madeira. Os resultados também possibilitam a cobertura dos custos de reposição da capacidade produtiva no longo prazo (COT), de R\$ 40,14/m<sup>3</sup> de madeira, tal que a margem líquida é positiva em R\$ 79,86/m<sup>3</sup> de madeira. Diante desse cenário, em que o custo total da atividade (CT) é de R\$ 112,32/m<sup>3</sup> de madeira, o resultado econômico reflete um lucro de R\$ 7,68/m<sup>3</sup> de madeira (tabela 2).

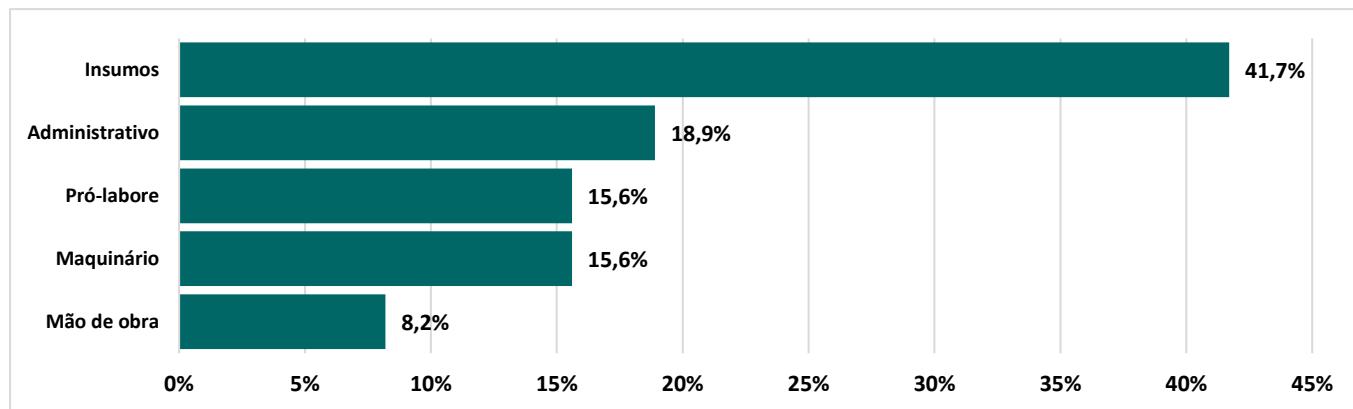
**Tabela 2. Resultados econômicos da produção de eucalipto em Botucatu/SP, em 2024.**

Componentes do custo	Valor (R\$/ha)	Valor (R\$/m <sup>3</sup> )	Participação (%)
<b>COE – Custo Operacional Efetivo</b>	<b>3.075,78</b>	<b>9,76</b>	<b>8,7%</b>
Manutenção	687,40	2,18	1,9%
Administrativo	2.388,38	7,58	6,8%
<b>COT – Custo Operacional Total</b>	<b>12.643,58</b>	<b>40,14</b>	<b>35,7%</b>
COE	3.075,78	9,76	8,7%
Formação eucaliptal	7.591,00	24,10	21,5%
Pré-plantio	1.903,50	6,04	5,4%
Plantio	2.201,70	6,99	6,2%
Pós-plantio	3.485,80	11,07	9,9%
Pró-labore	1.976,80	6,28	5,6%
<b>CT – Custo Total</b>	<b>35.382,04</b>	<b>112,32</b>	<b>100%</b>
COT	12.643,58	40,14	35,7%
Remuneração da terra	21.000,00	66,67	59,4%
Remuneração do capital	1.738,46	5,52	4,9%
<b>Receita bruta</b>	<b>37.800,00</b>	<b>120,00</b>	-
<b>Margem bruta</b>	<b>34.724,22</b>	<b>110,24</b>	-
<b>Margem líquida</b>	<b>25.156,42</b>	<b>79,86</b>	-
<b>Lucro/Prejuízo</b>	<b>2.417,96</b>	<b>7,68</b>	-

Fonte: CNA. Elaboração: FAESP/Departamento Econômico.

Dos componentes do COT, os que mais influenciam no resultado são os insumos, com participação de 41,7% no custo operacional total. Em seguida, têm-se as despesas administrativas (18,9%), o pró-labore (que reflete a remuneração do administrador da atividade) (15,6%), o maquinário (15,6%) e a mão de obra (8,2%) (figura 2).

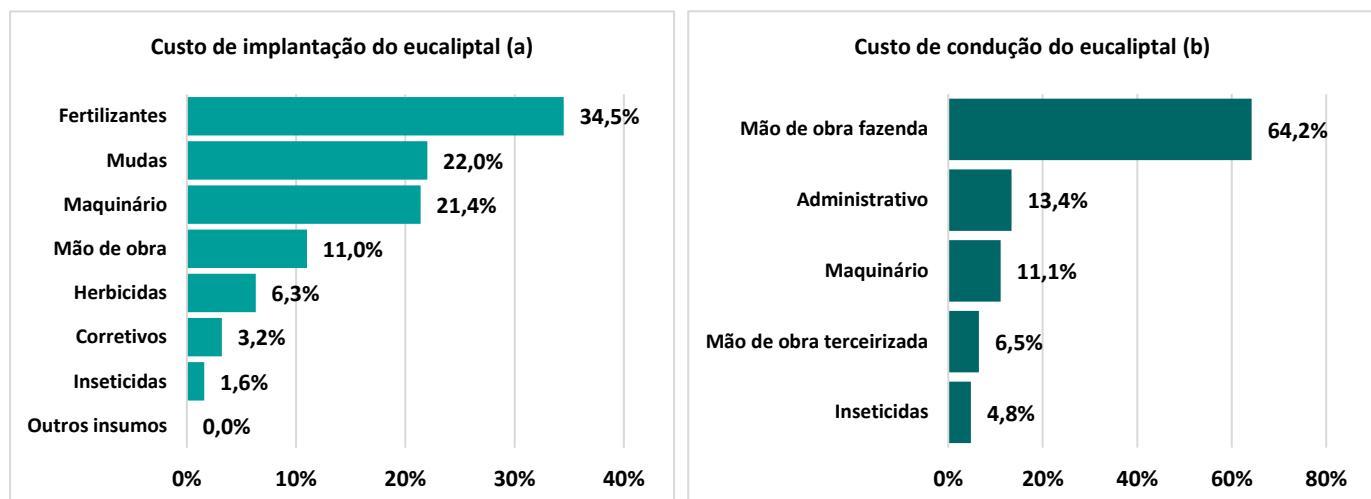
**Figura 2. Participação de cada item no Custo Operacional Total (COT) da eucaliptocultura, em Botucatu, em 2024.**



Fonte: CNA. Elaboração: FAESP/Departamento Econômico.

Analizando apenas o custo de implantação do eucaliptal, que compõe o COT, mas não o COE, dado que o COE compreende apenas os custos renováveis, tem-se que os fertilizantes, as mudas, o maquinário e a mão de obra são os principais componentes do custo, participando com 34,5%, 22,0%, 21,4% e 11,0%, nessa ordem. Herbicidas, corretivos, inseticidas e outros insumos representam apenas 11,1% do total (figura 3-a). Em termos de custo de condução do eucaliptal, a mão de obra da fazenda se configura a maior despesa, participando com cerca de 64,2% do total. Em seguida, tem-se as despesas administrativas (13,4%), o maquinário (11,1%), a mão de obra terceirizada (6,5%) e os inseticidas (4,8%) (figura 3-b).

**Figura 3. Participação dos componentes do custo de implantação do eucaliptal (a) e do custo de condução do eucaliptal (b), na propriedade modal de Botucatu, em 2024.**



Fonte: CNA. Elaboração: FAESP/Departamento Econômico.

Diante dos resultados econômicos apresentados, a produção de eucalipto na região de Botucatu se mostra atrativa no curto, médio e longo prazos. A receita estimada de R\$ 120,00/m<sup>3</sup> de madeira, permite cobrir os custos operacionais imediatos, repor a capacidade produtiva, remunerar o responsável pelo gerenciamento da atividade, bem como remunerar a terra e o capital. No longo prazo, os custos totais são cobertos, garantindo lucro para a atividade.

